



Radiografia Geral

Aqui está um pequeno método para se obter uma radiografia instantânea da imprensa mundial:

- 1 - Escolha um fato relevante de repercussão internacional.
- 2 - Veja o que o The New York Times disse sobre ele. Consulte em seguida o Lê Figaro e passe ao El País, ao Die Zeit, Washington Post, Libération, Herald Tribune e mais alguns outros pesos pesados do jornalismo internacional.
- 3 - Compare cuidadosamente as opiniões de todos.

Sem dúvida, este é um método trabalhoso. Mas quem quiser obter o mesmo resultado com muito menos esforço pode ir diretamente a um similar nacional, que ali vai encontrar na língua pátria exatamente a mesma coisa que encontraria em qualquer um dos periódicos mencionados. Pois é exatamente isso que todos são: similares, tanto na forma quanto no conteúdo.

E similares ainda é pouco. Olhando-se mais de perto, vê-se que são praticamente idênticos, não apenas porque muitas vezes recebem suas matérias das mesmas agências internacionais de notícias, mas principalmente porque expressam uma mesma maneira de pensar e de ver o mundo. Todos eles concordam tacitamente que o mundo em que vivemos não poderia nem deveria ser diferente do que é; que não há nada de substancial a ser mudado na forma como o homem trata seu semelhante e seu planeta; que não há nada de errado com seus valores e com suas idéias; que todos deveriam continuar a fazer exatamente o que estão fazendo, pois, exceto por um ou outro imprevisto, tudo corre às mil maravilhas.

A imprensa precisa ser objetiva e neutra, reza a cartilha. Mas essa objetividade não pode funcionar como desculpa para a renúncia à crítica e ao questionamento; para a aceitação passiva da realidade tal como ela se apresenta. E a neutralidade não deve encobrir a falta de independência, o comprometimento com os poderes constituídos e o desejo de servir simultaneamente a mil senhores. Por serem tão neutros e objetivos, os grandes jornais noticiam com frieza protocolar a morte, a peste, a fome e a guerra como quem fala de fenômenos meteorológicos, de coisas naturais e que ninguém poderia ter evitado.

Radiografia Local

A imprensa mundial se ressent da falta de uma voz realmente independente, uma voz que destoe do paralisante uníssono que quer nos convencer de que é normal uma situação que ofende abertamente os valores humanos.

A falta de um contraponto também se faz sentir nestes microcosmos que são as cidades brasileiras, e não porque os jornais digam todos a mesma coisa, mas

porque os monopólios comerciais raramente deixam lugar para mais de um. Os jornais exercem em nossos municípios uma dominação semelhante à exercida em âmbito nacional pelas grandes cadeias de telecomunicações (ver o texto Telecomunicações liberdade e educação), e também neste nível local a dominação está ligada à confusão entre comércio e exploração de meios de comunicação.

Infelizmente, em nosso país a veiculação de informações e de interpretações sobre os fatos é encarada como um mero negócio, como atividade voltada para o lucro. Mas é notório que na prática isto acaba por destruir a própria lógica do mercado, pois anula o princípio da concorrência: ainda quando uma cidade chega a possuir dois ou três jornais de circulação expressiva, é comum que sejam dominados por um mesmo grupo, ou uma mesma pessoa, diretamente ou através de testas de ferro.

Assim, é freqüente encontrarmos cidades de médio e até grande porte nas quais toda a circulação de informações vitais aos cidadãos está centralizada nas mãos de um único comerciante, muitas vezes pouco compromissado com a verdade e menos ainda familiarizado com as letras, a não ser com as de câmbio.

Evidentemente, esta situação cerceia, mais do que qualquer censura, o direito do público de ter acesso a mais de uma versão dos fatos, transformando em mera lenda a tão falada liberdade de imprensa.

Hamurabi, Kane, Chatô e a sobrinha de don Quixote

Informação é bem de primeira necessidade; quem vive em sociedade não pode passar sem ela. Por essa razão, quem centraliza informações adquire poder sobre pessoas. E o poder dos jornais se baseia também em um fator psicológico: o fascínio da palavra escrita, a autoridade da qual ela se reveste e que mudou pouco desde o tempo em que alguém chamado Hamurabi teve a

brilhante idéia de colocar seu código de leis por escrito, e em que Moisés desceu do Sinai carregando duas tábuas contendo dez célebres preceitos. Os herdeiros deste poder de fascinação da palavra impressa são hoje os donos de jornais: para muita gente, é a própria expressão da verdade o que vem gravado naquelas páginas compridas e acinzentadas, regulares como o sol.

Mas concentração de poder é coisa perigosa, pois ela muitas vezes chega a transtornar o juízo das pessoas. Por isso os donos de jornais precisam ter cuidado, uma vez que o poder que detêm os sujeita aos delírios de grandeza, à ambição ilimitada e ao desejo de controlar o rumo dos acontecimentos a partir do interior de uma redação. Esse quadro patológico, que bem se poderia chamar síndrome de Kane, se verifica não apenas nos grandes magnatas da imprensa internacional, mas também, ao que parece, nos mais ínfimos empresários do jornalismo nacional. Como toda minhoca quer ter seu dia de dragão, estes, tão logo adquirem o maquinário de impressão, já começam a sonhar-se novos Chateaubriands (supondo terem instrução suficiente para tanto), ainda que em estado larval. E do delírio de poder ao abuso de poder é só um passo. Os donos dos jornais nacionais muitas vezes se aproveitam do fato de que ninguém poderá contestá-los publicamente (a menos que esteja em condições de pagar bastante) para imporem diariamente a sua opinião sobre o que é falso e o que é verdadeiro, e para definirem o que o público irá ou não saber. Nisto tiram partido da proletarização da profissão de jornalista: há sempre uma legião de escribas desempregados dispostos a fazer o serviço que repugnaria aos mais conscienciosos; e o jornalista se aproxima cada vez mais da condição que expressa o próprio nome de seu ofício, a condição de diarista, de bóia-fria da comunicação. Por isto, neste país corre perigo a reputação desta profissão à qual pertenceu Machado de Assis, Dickens e Wait Whitman.

De fato, é de espantar o que um ser humano pode se sujeitar a fazer em troca de casa, comida, E-mail e roupa lavada. Quem já não ouviu falar de fatos deturpados pelos jornais, de circunstâncias omitidas, de declarações adulteradas, entrevistas fantasiosas e testemunhas inventadas? Quem não sabe de casos de pessoas que tiveram uma reputação destruída em duas páginas, para meses depois terem direito a uma "reparação" em duas linhas de alguma seção pouco visitada?



É tristemente impressionante a facilidade com que se difama alguém, e a impunidade com que se tem difamado. E é mais impressionante ainda a dificuldade que se tem para dissolver o efeito da falsidade e da difamação. Mas a verdade não seria verdade se não tivesse o dom

de vir à tona tarde ou cedo. Portanto, os maledicentes precisam levar em conta a possibilidade de eventuais surpresas, e lembrar sempre da advertência que a sobrinha de don Quixote de la Mancha fez ao famoso cavaleiro andante: "Muitos vão por la e voltam tosquiados!..."

Fonte: "Revista HUMANUS - 2000 - Ano I"